

## O fado nos media: a conquista de um novo território<sup>1</sup>

Ricardo Nicolay<sup>2</sup>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

### Resumo

Este trabalho tem o objetivo de analisar a chegada do fado nos meios de comunicação portugueses apresentando o histórico deste processo e o seu desenvolvimento em um novo território, onde deixa as casas de fado, com apresentações para um público restrito, e alcança maiores audiências no rádio e na televisão. Foi em 1925 que o gênero começou a aparecer na rádio portuguesa, nas emissões da CT1AA em programas comandados pelo violista Amadeu Ramin, e em 1938 na TV, em uma programação regular da Emissora Nacional apresentada quinzenalmente pela fadista Maria Teresa de Noronha. Já na primeira década do século XXI ganhou uma emissora radiofônica exclusiva para si, a Rádio Amália, que transmite programas em direto, gravações e entrevistas com personalidades do gênero.

**Palavras-chave:** Portugal; fado; rádio; televisão; indústria fonográfica.

*A nova rádio tem raça.  
É lisboeta, boémia, bairrista, atrevida e namoradeira, faz do Fado a sua alma.*

Rádio Amália, 2009.

### Introdução

O fado é considerado o principal símbolo musical de Portugal, presente no cotidiano social e cultural lusitano desde o século XIX. Com 200 anos ele ultrapassou fronteiras importantes ao longo de sua história, passando por momentos de aceitação e rejeição, até ser eleito em 2011 como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela Unesco. Muitas são as teorias<sup>3</sup> que buscam dar conta de suas origens e de seus primeiros anos, e o que se encontra são características que o apontam como *multinacional*, *multicontinental* e *multicultural* – de Portugal, do Brasil e de África.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Geografias da Comunicação do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Jornalista, antropólogo, mestre em Comunicação (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), assessor de imprensa, publicações e projetos institucionais da UERJ. email: [ricardo.nicolays@gmail.com](mailto:ricardo.nicolays@gmail.com).

<sup>3</sup> Ver mais em: NICOLAY, R. **O fado de Portugal, do Brasil e do mundo**: as teorias sobre sua origem. Revista Contemporânea (UERJ. Online), v. 10, p. 58-70, 2012. Disponível em: [http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed\\_20/contemporanea\\_n20\\_04\\_NICOLAY.pdf](http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_20/contemporanea_n20_04_NICOLAY.pdf).

Foi no ano de 1925 que o fado começou a surgir nas rádios privadas portuguesas, com destaque para as emissões da CT1AA em programas comandados pelo violista Amadeu Ramin, e, mais tarde, com a chegada nas rádios públicas, nas emissões da Emissora Nacional, que transmitia em direto as apresentações da primeira parte da Grande Noite do Fado. Já em 1938 chega a TV em uma programação regular, também da EN, apresentada quinzenalmente pela fadista Maria Teresa de Noronha. Em outubro de 2009 o fado ganha uma emissora radiofônica exclusiva para si, a Rádio Amália, que transmite uma programação em direto, gravações de discos e entrevistas com personalidades do gênero. Entre os seus programas estão – *A estrela da tarde, Às Dez, Fado Vadio, Lisboa Menina e Moça, Música no Coração e Senhor Fado*.

Este artigo é resultado de um dos desdobramentos da pesquisa de mestrado intitulada *Território, rede e cultura da tradição: o fado do século XIX no mundo do século XXI*, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação da UERJ e tem o objetivo de analisar a chegada do fado nos meios de comunicação portugueses, apresentando o histórico deste processo e o seu desenvolvimento em um novo território, quando deixou de ser uma exclusividade das casas de fado, reduto tradicional de performance do gênero para um público restrito, e alcançou maiores audiências na rádio e na televisão, bem como com a Grande Noite do Fado.

### **A era dos media, a era do fado**

A profissionalização do fado está intimamente relacionada ao apogeu da produção discográfica e com a eclosão do rádio em Portugal. No país, o sistema radiofônico começou a se desenvolver no início do século XX. Os anos de 1930 a 1950 são considerados os *anos de ouro* do rádio, significativos por traduzir

num fenómeno de radiodifusão que procurava reconstruir a realidade dentro do estúdio, com dramatizações e espetáculos produzidos na própria estação emissora. Os programas humorísticos estavam sob vigilância da censura, obrigando as manobras linguísticas para que os textos passassem (CORDEIRO, 2004, p.2).

No período em que Portugal esteve sob o regime do Estado Novo de António Oliveira Salazar, a censura analisava previamente todas as publicações periódicas e não periódicas, emissões de rádio e de televisão nacional e internacional, com o objetivo de velar “permanentemente pela pureza doutrinária das ideias expostas [pelo regime] e pela

defesa da moral e dos bons costumes” (CORDEIRO, 2004, p.2). O uso do rádio pelo governo da época, objetivamente, resumia-se em manipular e manter o controle sobre a opinião pública portuguesa, transformando-o em instrumento para a legitimação dos ideias do Estado. Distrair a população para a real situação a qual Portugal se encontrava também fazia parte do leque de novas funções atribuídas ao sistema de rádio “abraçado” pelo governo, bem como do que ocorria na Europa e no resto do mundo. O monopólio do sistema de radiodifusão do país estava nas mãos dos governantes, sendo repudiada toda e qualquer tentativa de ameaça ao regime.

Foi em 1925, efetivamente, que começaram as transmissões regulares de radiofonia em Portugal com a emissora CT1AA. A iniciativa do empresário Abílio Nunes dos Santos Jr, dono dos Grandes Armazéns do Chiado, tinha como um de seus objetivos a obtenção dos direitos de representação da gravadora britânica Gramophone Company em Portugal. Desde o início, a CT1AA



**Figura 1** - O discurso do poder: Salazar lendo ao microfone da Emissora Nacional (ainda em fase experimental), uma alocução proferida da sede da União Nacional, em Fevereiro de 1935.

**Fonte:** VIEIRA, Joaquim. *A Nossa Telefonia – 75 anos de Rádio Pública em Portugal*. Lisboa: Tinta da China, 2010. (p.19).

investiu fortemente em infraestrutura para aumentar seu número de ouvintes e, em um curto espaço de tempo, chegou às “colônias africanas e à diáspora da emigração portuguesa” (NERY, 2004, p.204). Dentre a programação da CT1AA estão as transmissões do Teatro de Variedades e do Teatro Maria Vitória, além de apresentações musicais em direto de seus estúdios. Nestas apresentações o fado já estava presente em um programa comandado pelo violista Amadeu Ramin (NERY, 2004).

Além da CT1AA, outras emissoras surgiram no país, como a CT1DY<sup>4</sup> em 1928, fundada pelo Capitão Jorge Botelho Moniz. Já em 1931 o Capitão funda o Rádio Clube Português (CT1GL) a partir de um suporte financeiro sem precedentes no setor de comunicação. De tamanho proporcionalmente menor à CT1GL, outras estações começam a surgir depois de 1930, como a “Alcântara Rádio, o Clube Radiofónico de Portugal, a Rádio Graça, a Rádio Luso, a Rádio Motorola (depois Rádio Peninsular), a Rádio Sonora (mais tarde Rádio Voz de Lisboa), a Rádio São Mamede e, no Porto, a Invicta Rádio e a Rádio

<sup>4</sup> A estação CT1DY também foi denominada de Rádio Parede e, posteriormente, Rádio Clube da Costa do Sol.

Clube Lusitânia” (NERY, 2004, p.206). Em todas as estações o fado estava presente, e o objetivo era alcançar e cativar o gosto do público popular e da pequena burguesia por meio de uma programação musical, que em geral era a que mais agradava. Mas, isso não significa que todas estas transmissões eram feitas em direto. Nas emissoras de menor porte alguns programas também eram realizados a partir da reprodução de discos gravados. Neste período as emissões em direto começavam a contar com pedidos e sugestões dos ouvintes.

Ainda em 1925 foi inventado o microfone elétrico, que proporcionou melhorias nas transmissões radiofônicas e nas gravações de discos juntamente com a baixa no preço dos gramofones, tornando-os mais acessíveis e gerando uma nova dinâmica na indústria e no comércio fonográfico.

A reprodução dos discos nas rádios era fortemente apoiada pelas empresas de distribuição discográfica, como a Valentim de Carvalho e o Grande Bazar do Porto, que viam neste ramo uma forma publicitária que incentivava a maior comercialização de seus produtos. Da mesma forma que expande os horizontes de conhecimento do fado e dos fadistas, a reprodução de obras gravadas promove pela primeira vez o deslocamento do gênero para outras regiões do país, deixando de se concentrar apenas em Lisboa (NERY, 2004).

Em 27 de Janeiro de 1930, com a força que as rádios começaram a apresentar em Portugal, o Estado Novo cria o Decreto-Lei nº 17.899 que estabelece e regulamenta formas mais restritivas de criação de novas emissoras privadas, dando poderes ao governo para fiscalizar e regulá-las. Já em 1933, com o Decreto-Lei nº 22.783, o Estado cria a Emissora Nacional de Radiodifusão (EN), que “depois a força de uma revolução fê-la mudar para Radiodifusão Portuguesa (RDP). Hoje está junta com a televisão pública na Rádio e Televisão de Portugal (RTP)” (VIEIRA, 2010, p.17). Em 1933 ocorrem as primeiras transmissões, mas ela será inaugurada só em 1935. Rogério Santos (2005) afirma que, por um lado, a EN “pertencente ao Estado, impulsionava a profissionalização do rádio em Portugal, por outro lado iniciava-se a luta pelo controle da emissora pelos protagonistas ligados ao regime saído do golpe militar de 28 de maio<sup>5</sup> de 1926” (SANTOS, 2005, p.139).

Ao contrário das concorrentes privadas, o fado não fazia parte da programação da EN, que em 1936 promoveu propagandas negativas sobre o gênero com as palestras

---

<sup>5</sup> Também conhecida como Revolução Nacional, o golpe de 28 de maio de 1926 foi a tomada do poder pelos militares, derrubando a Primeira República Portuguesa, o que levou a implementação da Ditadura Militar no país, que mais tarde foi denominada de Ditadura Nacional e, a partir da nova Constituição de 1933, de Estado Novo, tendo fim em 25 de abril de 1974 com a Revolução dos Cravos.

realizadas pelo escritor Luís Moita intituladas *O Fado: Canção de Vencidos*, onde afirmava que o gênero era um “fator de alienação e desmoralização da juventude portuguesa” (NERY, 2004, 206). Foi em 1938 que surge na Emissora Nacional a primeira programação regular dedicada ao fado apresentada quinzenalmente pela fadista Maria Teresa de Noronha, cuja “respeitabilidade social entende estar acima de qualquer suspeita”.



**Figura 2** – Maria Teresa de Noronha atuando nos estúdios da Emissora Nacional.

**Fonte:** Diário de Notícias. Disponível em:

[http://www.dn.pt/inicio/artes/interior.aspx?content\\_id=2933077&seccao=M%FAsi](http://www.dn.pt/inicio/artes/interior.aspx?content_id=2933077&seccao=M%FAsi)

ca>.

era apresentado por Dom João da Câmara, sendo composto por quatro fados e uma guitarrada, mantendo até 1962, ano em que a fadista decidiu retirar-se da vida artística. (Museu do Fado, abril de 2008)

A partir da década de 1940 algumas mudanças ocorreram na Emissora Nacional. Ela se libertou da tutela do estado e tornou-se “uma instituição autônoma”. Neste período “teve início o modelo de implantação regional no Continente e nos arquipélagos da Madeira e dos Açores, que corresponde, de uma maneira geral, ao atual modelo” adotado (PRATA, 2006, p.3).

Nos anos de 1950 a televisão dá os primeiros passos em Portugal, ainda em preto e branco, captada apenas na região de Lisboa. Com isso, o rádio se viu obrigado a se transformar para competir de maneira mais equilibrada com o novo meio de comunicação que emergia. Nesta época o país presenciou “um salto qualitativo em termos técnicos e de programação” (PRATA, 2006, p.3) nas rádios e, em 1957, já havia 534 mil receptores das frequências.

Em 1960 os programas nas rádios portuguesas chegam a limites muito próximos daquilo que a censura permitia. A opinião na época era que uma simples programação de

Maria Teresa de Noronha era fidalga, descendente dos condes de Paraty, nascida em Lisboa, no 17 de setembro de 1918. Era filha de Dom António Maria Sales do Carmo de Noronha e de Dona Maria Carlota Appleton de Noronha Cordeiro Feio. Maria Teresa foi ensaiada pelo guitarrista Fernando Freitas e pelo violista Abel Negrão e o programa na EN

entretenimento já estava inadequada. Outra característica desta década é o fortalecimento da divulgação da cultura, bem como o crescimento de uma programação voltada para a informação. Segundo Cordeiro (2004), “a informação passou a ser um elemento central para os programas que se especializavam em torno de temáticas tão diferentes como a informação de actualidades ou a divulgação musical” (CORDEIRO, 2004, p.3).

Já em 1974, ano em que se deflagrou a Revolução dos Cravos, o rádio desempenhou um papel fundamental, já que foi através dele que a comunicação para a mobilização das trocas aconteceu. Os militares transmitiram via rádio as senhas que desencadearam o fim do Estado Novo e a restauração da democracia. No dia da revolução, 25 de abril, “iniciou-se o desmantelamento do antigo regime [...] com a extinção da polícia política e a abolição da censura, numa estratégia de democratização da sociedade portuguesa” (CORDEIRO, 2004, p.4).

A partir de 1974 um novo cenário foi construído nos meios de comunicação em Portugal, que deixaram de pertencer totalmente ao estado e começaram a ser predominantemente privados. Para Cordeiro (2004), podem ser destacadas três fases evolutivas no pós 25 de abril, quando o rádio se liberta o autoritarismo imposto pelo Estado:

[...] uma primeira fase: a da nacionalização das rádios em Portugal, que resultou numa perda da vitalidade do sector, pois o panorama dividia-se entre a RDP [Radiodifusão Portuguesa] e RR [Rádio Renascença]. A segunda fase: resultado da falta de legislação sobre radiodifusão e da impossibilidade de entidades privadas poderem abrir as suas próprias estações emissoras, apareceram por todo o país as rádios livres, ou rádios piratas. Estas rádios inovaram e experimentaram novos formatos, preenchendo espaços de criatividade que tinham sido deixados em aberto pelas rádios nacionais. O conteúdo programático não tinha grande definição, ou preocupação com as expectativas dos ouvintes. No campo da informação, concretizaram habilmente uma tendência de carácter local, dando notícias aos ouvintes da zona onde os retransmissores escondidos emitiam ilegalmente. Se por um lado a rádio perdeu muito do que a havia caracterizado, por outro, veio ganhar novas ideias, um novo dinamismo e futuros profissionais. Esta é então a terceira fase, de regulamentação do sector que procurou dar resposta à necessidade de criação de uma lei que regulamentasse e pusesse uma certa ordem no panorama radiofónico num processo que terminou em 1989 com a legalização. Muitas rádios piratas desapareceram, em favor das mais fortes e organizadas, numa tentativa para adequar a quantidade de rádios ao mercado nacional. (CORDEIRO, 2004, p.4)

Na década de 1980 houve um crescimento muito forte de novas rádios. Este *boom* está ancorado nas políticas de legalização de rádios piratas e de reorganização do sistema radiofónico em Portugal, possibilitando um “modelo concorrencial que implicava a

sobrevivência económica de cada estação emissora” (CORDEIRO, 2004, p.4) e fomentando um novo mercado no país. Neste contexto, muitas mudanças ocorreram nas estações. Algumas reformularam suas programações e seus projetos de transmissão para não perder seus ouvintes e também para ganhar novos. O jogo econômico neste e no sistema radiofônico em geral seguiu o seguinte princípio: conquistar um bom número em sua audiência e conseguir mais publicidade.

Com estas alterações a programação das rádios deixa de ser diversa e concreta e passando a apresentar uma proposta mais ligeira, com a maior parte de seus programas sendo musicais e de notícia. Cordeiro (2004) afirma que, além destas alterações, pouco mais aconteceu no âmbito das rádios em Portugal. O que pode ser destacado é o novo mercado econômico que ascendeu gradualmente no país, caracterizado pela concentração em grandes empresas. A autora traça um panorama do que é o sistema radiofônico português atualmente a partir de três elementos: o primeiro, formado por empresas pequenas e despreocupadas em relação ao conteúdo de sua programação; o segundo, constituído a partir dos operadores privados, “que desenvolvem um percurso para ampliação dos *shares* de audiência, independentemente da manutenção da identidade da estação de rádio” (CORDEIRO, 2004, p.5); e o terceiro, composto pelo estado, que possui recursos maiores do que os outros operadores mas, por ter uma programação de baixa qualidade e não muito diversificada, tem seus índices de audiência em constante queda.

As rádios estão nas mãos dos grandes grupos de comunicação que, em detrimento da qualidade da programação, visam obter mais audiência e faturar cada vez mais. Desta forma, há uma mudança no pensamento em relação ao sistema de rádio como um instrumento cultural e artístico, tornando-se um produto econômico e de negócio que precisa ser cada vez mais rentável. (CORDEIRO, 2004). Em 1987, com a criação da Lei do Rádio, que começou a funcionar a partir de 1988, os operadores de radiodifusão sonora foram obrigados a ter “um responsável pelas transmissões”, a adotar “um estatuto editorial” e a produzir e difundir regularmente noticiários que seriam de responsabilidade de jornalistas ou equiparados (no caso das rádios locais)” (PRATA, 2006, p.4).

Assim como nos anos de 1950, quando a televisão surgiu em Portugal, na década de 1990 a internet surge como um novo fator para impulsionar outra transformação nas rádios e no campo da comunicação social portuguesa: “Face à evolução quer do meio, quer da sociedade e do sistema econômico-comercial em que a rádio se integra, o formato de programação da rádio dos anos 80 cedeu lugar a outros, mais específicos, que procuram ir

ao encontro de públicos cada vez mais definidos” (CORDERO, 2004, p.5). Neste sentido, a internet assume um papel importante no sistema econômico o qual as rádios estão inseridas. Nos grandes grupos, onde o desejo é lucrar, a preocupação com a programação acaba caindo para segundo plano. A internet é usada como forma de reafirmação da identidade de algumas rádios e, além disso, utilizam-na também para suas emissões.

Para o fado este cenário propiciou a criação da Rádio Amália em 6 de outubro de 2009. Esta data foi significativa por ser o décimo aniversário de falecimento da fadista Amália Rodrigues, a qual a rádio leva o nome. É importante destacar que a Rádio Amália é a única emissora radiofônica portuguesa que tem a sua programação exclusivamente de preenchida com o fado, com transmissões musicais em direto, reprodução de discos e programas de entrevistas e de informação sobre o gênero, concertos e fadistas. Em seu site, a rádio define-se da seguinte maneira:

Lisboa precisava de uma rádio assim. Uma estação dedicada ao Fado, uma expressão musical que transmite um sentimento único, profundo e tão intensamente lisboeta.

Muitos foram os poetas que o serviram e a ele se dedicaram, e muitos os que tão bem o souberam interpretar. Nomes maiores como: Carlos Ramos, Lucília do Carmo, Alfredo Marceneiro, Maria Teresa de Noronha, Maria da Fé, Camané, Carlos do Carmo, Kátia Guerreiro, João Ferreira Rosa, Ana Moura, Carlos Zel ou Mariza, só para citar alguns. Eles foram e são os grandes embaixadores deste género musical, mas a maior de todas as estrelas tem um nome AMÁLIA RODRIGUES.

A nova rádio surge na frequência 92.0 FM no dia em que se comemoram 10 anos após o seu desaparecimento. Esta é pois a justa homenagem àquela que Portugal nunca vai esquecer.

A frequência 92.0 FM é uma porta sempre aberta onde o Fado mora. O ponto de encontro de grandes artistas que diariamente nas 24 horas do dia se cruzam nas ondas desta estação. Aqui convivem todos os géneros, todas as gerações. Aqui a voz dos grandes intérpretes, (que são parte da cultura e memória do nosso povo), tantas e tantas vezes esquecidos soa bem alto sempre que alguém os queira lembrar.

A nova rádio tem raça. É lisboeta, boémia, bairrista, atrevida e namoradeira, faz do Fado a sua alma.

Senhoras e senhores façam o favor de entrar porque aqui mora o FADO.<sup>6</sup>

Este texto resume os principais objetivos reunidos para a criação de uma rádio exclusivamente de fado, um gênero até então marginalizado por outras emissoras mais comerciais. Com a mercantilização das rádios portuguesa, a Rádio Amália volta aos antigos princípios e concentra no gênero a sua forma primordial de expressar e difundir a arte e a cultura portuguesa. Segundo o diretor de programação da RA, José Augusto Matias

<sup>6</sup> Trecho disponível em: <<http://www.amalia.fm>>.



Madaleno, todo o financiamento que a mantém em atividade é proveniente exclusivamente de fundos particulares, sem nenhum apoio governamental.

Em relação à audiência, em janeiro de 2010, completando o primeiro trimestre de funcionamento, foram alcançados 1.6%<sup>7</sup> e, em outubro do mesmo ano, com a comemoração de um ano no ar, 2,2%. Os ouvintes da rádio se dividem entre a frequência tradicional do rádio e da rádio on-line, disponível na Internet.

Por também transmitir sua programação online, a Rádio Amália faz sua audiência se *desterritorializar*, criando um grande número de ouvintes no Brasil, no Japão, na França e na Austrália<sup>8</sup>. Em território português os grandes publicitários da emissora são os taxistas, que passaram a sintonizar a frequência da rádio em seus carros e a divulgá-la para os passageiros. José Augusto Matias Madaleno reconhece que a divulgação nos táxis é “muito importante, já que qualquer estrangeiro que vem a Portugal muitas vezes conhece a 'Rádio Amália' graças ao táxi”<sup>9</sup>. O projeto de criação da rádio foi ousado, frente à tendência mercadológica e econômica que o sistema radiofônico assumiu em Portugal. Segundo Madaleno,

É muito difícil criar uma nova rádio. Não há facilidades. Hoje em dia, os projectos são muito espartilhados, as rádios imitam-se todas. Os pequenos imitam os grandes. Todos imitam todos. E nós não. Esse foi o ponto de partida, sermos diferentes. Sabíamos que havia um nicho de mercado. Só não sabíamos que era tão grande. Apontámos as armas para aí.<sup>10</sup>

Assim, a partir do histórico apresentado sobre o sistema radiofônico em Portugal e, em especial, das rádios dedicaram suas programações total ou parcialmente ao fado, como a Emissora Nacional e a Rádio Amália, constata-se a situação de destaque com que o rádio se apresenta no contexto do desenvolvimento do gênero em Portugal e, mais recentemente, no mundo. É certo que o futuro da Rádio Amália ainda está por ser escrito, mas, seu sucesso nos últimos três anos aponta para uma tendência de crescimento progressivo.

## **A indústria fonográfica e a cultura**

---

<sup>7</sup> Dado disponível no site da Rádio Amália: <<http://www.amalia.fm/2010/01/>>. Acesso em: Jan 2013.

<sup>8</sup> Trecho da entrevista de José Augusto Matias Madaleno concedida à Agência EFE em 8 de outubro de 2012. <<http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2012/10/a-melhor-homenagem-a-amalia-rodrigues-fado-24-horas-no-radio.html>>. Acesso em: Mar 2013.

<sup>9</sup> Trecho da entrevista de José Augusto Matias Madaleno concedida à Agência EFE em 8 de outubro de 2012. <<http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2012/10/a-melhor-homenagem-a-amalia-rodrigues-fado-24-horas-no-radio.html>>. Acesso em: Mar 2013.

<sup>10</sup> Trecho da entrevista de José Augusto Matias Madaleno concedida ao Jornal Diário de Notícias de 18 de novembro de 2010. Disponível em: <[http://www.dn.pt/inicio/tv/interior.aspx?content\\_id=1713667&seccao=Media](http://www.dn.pt/inicio/tv/interior.aspx?content_id=1713667&seccao=Media)>. Acesso em: Mar 2013.

Com a chegada dos anos 1990 o fado começou a ganhar uma nova dimensão com a sua inserção no circuito da *World Music*, direcionando a sua importância para um novo patamar dentro do sistema produtivo musical em Portugal. Nesta época, com os incentivos resultantes da *World Music*, uma nova geração se formou e o gênero novamente se viu internacionalizando-se. Este momento é de destaque porque institucionaliza as propostas de criação de uma identidade portuguesa levantadas em décadas anteriores e também pelo reforço da ideia do gênero como símbolo musical português.

A nova geração teve sua formação artística fundada nos mais variados tipos, com uma diversidade estética altamente rica, absorvida pelo contato obtido com outras culturas, bem como com a mescla com outras variantes musicais próprias de Portugal. Assim como fez Amália Rodrigues nos anos de 1950 e 1960, na virada do milênio este novo grupo de fadistas e letristas reformulou novamente o fado, determinando um novo momento de transformações. Isto mostra uma característica híbrida do fado, capaz de captar de diversas fontes a inspiração para se tornar cada vez mais *mestiço*. Arrisca-se afirmar, com base na análise de sua história, que há uma necessidade constante de mudança em seus estatutos, mesmo que haja ainda aqueles que a repudiam, na tentativa de mantê-lo o mais inalterado possível.

No século XXI o fado se candidatou e foi eleito Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Ao contrário da candidatura do tango, que teve sua eleição após ter enviado o seu projeto por duas vezes, o fado foi aprovado já no primeiro envio, em 2006, e em 2011 veio a consagração. Em 2012, em meio às comemorações de aniversário da eleição, além de congratulações, as críticas também surgiram. O poeta José Luís Gordo declarou sua preocupação em relação à mercantilização do gênero e editor do selo SevenMuses, Samuel Lopes, reconheceu que

a quantidade [dos discos] aumentou substancialmente, porém, não se pode dizer o mesmo em relação à qualidade ou até mesmo à novidade, mais do mesmo com variação apenas dos preços que decresceram substancialmente devido à crise que afecta violentamente toda a indústria discográfica.<sup>11</sup>

Lopes afirmou ainda que o fado "continua muito subaproveitado enquanto motor de turismo cultural; continua a faltar representação institucional nas grandes feiras de música

---

<sup>11</sup> Trecho disponível em: <<http://www.ionline.pt/boa-vida/fado-patrimonio-da-humanidade-trouxe-dinamica-ao-mercado-valorizou-genero>>. Acesso em: Mai 2013.

internacionais, e estas representações continuam a ser feitas pelos seus agentes habituais como era antes"<sup>12</sup>. Ao contrário de Lopes, o editor da gravadora EMI Music, João Teixeira, afirmou que as expectativas geradas com a eleição do fado não corresponderam às vendas projetadas, mas, mesmo assim, houve "uma vitalidade fantástica, que já vinha de trás e que se tem traduzido no aparecimento de novos e ótimos intérpretes, renovação de repertório, de arranjos, de mais edições a conquistarem novos mercados"<sup>13</sup>.

Já Francisco Vasconcelos, editor da gravadora Valentim de Carvalho, que possui em seu portfólio obras clássicas de Amália Rodrigues e de outros grandes fadistas, afirmou que o mais importante a ser destacado neste primeiro ano de comemorações é a mudança das vertentes do fado, o que resultou em uma "atitude menos ortodoxa" do gênero.

Mais vendido ou não, é importante ressaltar que após dois séculos de vida, a consagração em patrimônio de toda a humanidade marcou uma nova fase para o gênero. Talvez as opiniões apocalípticas que apareceram possam estar corretas em relação à descaracterização, vulgarização, mercantilização e perda de identidade, mas, o poder econômico é o que vem ditando as regras do jogo há muito. Deve-se hoje olhar para estas opiniões de forma a contribuir para o desenvolvimento do gênero e para que ele não caia em armadilhas mercadológicas, mas conviva com esta nova estrutura. A descaracterização e vulgarização, por exemplo, podem ser compreendidas de forma positiva, permitindo que um número maior de pessoas, de diferentes níveis sociais e culturais, possa ter acesso a ele. Dentro do projeto de salvaguardar o fado, o Museu do Fado inaugurou no mês de novembro de 2012 um roteiro virtual<sup>14</sup>, o que possibilitou a internautas de todo mundo conhecer o gênero, a cidade de Lisboa, o museu e locais que fazem parte de sua história.

## A Grande Noite do Fado

A Grande Noite do Fado é uma cerimônia religiosa-profana, tão cheia de rituais como a via sacra. Os gestos são calculados, premeditados, estudados. No palco, alguém que fala, cantando, na coxia alguém que ouve, atendo. A tudo. E há fados que emocionam. Quando é assim, é o Colisei que se levanta e põe o herói a chorar, a entrar em transe, a ser levado aos ombros, pelos bastidores adentro [...]

Correio da Manhã, 1/5/1983.

<sup>12</sup> Trecho disponível em: <<http://www.ionline.pt/boa-vida/fado-patrimonio-da-humanidade-trouxe-dinamica-ao-mercado-valorizou-genero>>. Acesso em: Mai 2013.

<sup>13</sup> Trecho disponível em: <<http://www.ionline.pt/boa-vida/fado-patrimonio-da-humanidade-trouxe-dinamica-ao-mercado-valorizou-genero>>. Acesso em: Mai 2013.

<sup>14</sup> Roteiro do Fado: <<http://roteiro.museudofado.pt/>>.

Além a chegada do fado no rádio, na televisão, no cinema e no mercado fonográfico, destaca-se também como importante evento de divulgação a Grande Noite do Fado (GNF), uma iniciativa da Caixa de Previdência dos Profissionais da Imprensa de Lisboa que surgiu pela primeira vez em forma de concurso no ano de 1953, tradicionalmente realizada no Coliseu dos Recreios. Ela tem como objetivo ampliar “a exibição do fado, com um concurso de cantores-amadores inter-Bairros de Lisboa para a disputa de taças que serão o prémio a conceder aos vencedores e às agremiações de desporto e recreio a que eles pertençam” (COSTA, 1994, p. 107).

A Grande Noite reforça a ideia de uma identidade de pertença a determinados locais da cidade. Os fadistas sentem-se responsáveis por defender seus bairros. Costa cita a declaração de um dos concorrentes de uma edição do concurso: “Eu concorro como independente, mas meu coração está na Bica<sup>15</sup>” (COSTA, 1994, p. 110). Além da questão de pertença geográfica aos bairros, parte importante do concurso, outro fator que impulsionou a sua expansão foi a transmissão em direto do espetáculo pela televisão, gerando um aumento significativo no público presente, o que alterou a estrutura das apresentações e, também, como afirma Costa, “as maneiras de estar” (COSTA, 1994, p. 109) da audiência.

Mas, antes da televisão, o rádio também desempenhou um papel importante quando, no surgimento de uma cultura de massa, difundiu e popularizou os concursos musicais, como o Concurso da Primavera, organizado nos anos de 1930, que reunia cantadeiras de diversos bairros de Lisboa para apresentações públicas defendendo suas agremiações locais. Neste período o Estado Novo havia institucionalizado a Emissora Nacional em instrumento de propaganda do regime (COSTA, 1994). A EN transmitia em direto partes da GNF ao longo de sua programação e, alguns autores, veem nisso um apoio do governo ao evento. Mas, depois da Revolução de Abril de 1974, com a instauração da democracia em Portugal,

far-se-ão sentir as influências da cultura de massas, próprias de uma sociedade da era da globalização, contexto que modificará a relação do fado com o mercado português, que se concentra agora na música popular de carácter interventivo absorvendo, simultaneamente, muitas das formas musicais criadas no estrangeiro.

Nos anos imediatamente seguintes à revolução a interrupção, por dois anos, do concurso da Grande Noite do Fado, ou a diminuição radical da

---

<sup>15</sup> A Bica é um tradicional bairro lisboeta pertencente à Junta de Freguesia de São Paulo.

presença do fado em emissões radiofônicas ou televisivas, atestam bem a hostilidade ao fado.<sup>16</sup> (PEREIRA, 2008)

Assim, como ao longo de toda a história do fado, o dualismo da aceitação e rejeição novamente se fez presente. A Grande Noite do Fado silenciou-se nos anos de 1974 e de 1975, voltando no ano seguinte já com o espectro de gênero musical da ditadura deixado para trás.

### **Considerações finais**

Os meios de comunicação de massa, a rádio e a televisão, como pode-se perceber ao longo deste trabalho, foram importantes instrumentos de difusão, promoção e consolidação do fado enquanto gênero musical representativo da cultura portuguesa. Viu-se a sua chegada na Emissora Nacional com o programa da fadista Maria Teresa de Noronha, que mostrou um novo olhar do Estado Novo em relação ao fado, bem como, anos mais tarde, a criação de uma rádio exclusiva para si, além da Grande Noite do Fado, um evento que, assim como os media, teve uma contribuição particular para o desenvolvimento e o futuro do gênero.

Este processo teve sua consagração com a eleição da Unesco que tornou o gênero Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, internacionalizando-o ainda mais e permitindo que seu desenvolvimento multicultural, mundializado, híbrido e mestiço continue por muitos séculos.

### **Referências Bibliográficas**

- CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**. São Paulo: Edusp, 2008.
- CARVALHO, P. **A história do fado**. Lisboa: Dom Quixote, 2003.
- CARVALHO, A. A. de. **A RTP e o serviço público de televisão**. Coimbra: Almedina, 2009.
- CORDEIRO, P. **A Rádio em Portugal: um pouco de história e perspectivas de evolução**. 2004. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/cordeiro-paula-radio-portugal.pdf>>. Acesso em: 15 Nov 2012.
- COSTA, C. A. **A Grande Noite do Fado**, in BRITO, Joaquim. **Fado – vozes e sombras**. Lisboa: Electa, 1994.

---

<sup>16</sup> Citação disponível em: <<http://www.museudofado.pt/gca/?id=17>>. Acesso em: Jun 2013.

FALKHEIMER, J; JANSSON, A (Eds.). **Geographies of Communication** – The Spetial Turn in Media Studies. Nordicom: Goteborg, 2006

MOREIRA, S. V. (Org.). **Geografias da Comunicação** – Espaço de Observação de Mídia e de Culturas. São Paulo: Intercom, 2012.

MENESES, F. R. **Salazar – biografia definitiva**. São Paulo: Leya, 2011.

NERY, R. V. **Para uma história do fado**. Lisboa: Público, 2004.

PRATA, N. **O Rádio digital em Portugal**. In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Estado e Comunicação, 2006, Brasília. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0490-1.pdf>>.

PORTELA, P. **Rádio na internet em Portugal**. Vila Nova de Famalicão: Edições Húmus, 2011.

PEREIRA, S. **Circuito Museológico**, in *Museu do Fado 1998-2008*, Lisboa: EGEAC/Museu do Fado, 2008.

RADDATZ, V. L. S. **Identidade cultural e comunicação de fronteira**. Trabalho encaminhado para o Colóquio Transfronteiras Sul e Ciências da Comunicação Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai, Rio Grande do Sul, Setembro de 2004.

SOUSA, H. **Serviço Público, Televisão Comercial e a Implementação da Lei** – alguns elementos para o debate. Comunicação apresentada na Sessão 'O Serviço Público de Rádio e Televisão' do III Congresso Internacional do Jornalismo de Língua Portuguesa, organizado pelo Observatório de Imprensa, Lisboa, 21-24 de Abril de 1997. Disponível em: <[http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/1792/1/hsousa\\_SerPub\\_lei\\_1997.pdf](http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/1792/1/hsousa_SerPub_lei_1997.pdf)>. Acesso em: Fev 2013.

VIEIRA, J. **A Nossa Telefonia** – 75 anos de Rádio Pública em Portugal. Lisboa: Tinta da China, 2010.

## Documentário

Donos de Portugal. Direção de Jorge Costa (49 min), 2011. Disponível em: <<http://www.donosdeportugal.net/>>. Acesso em Mar 2012.

## Programa de Televisão

No ar, história da rádio em Portugal. Uma realização de José Alves Fernandes e Vitor Barreto, com produção de Higinio Cruz para a Rádio e Televisão de Portugal – RTP (2010). Disponível em: <<http://www.rtp.pt/play/p221/e22306/no-ar>>. Acesso em: Mai 2013.

## Sites

Museu do Fado: <http://www.museudofado.pt/>

Rádio Amália: <http://www.amalia.fm/>

RTP: <http://www.rtp.pt>